

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
OS MARES DA EUROPA
10 de maio de 2021

LA POINTE COURTE / 1954-55

um filme de Agnès Varda

Realização e Argumento: Agnès Varda / **Fotografia:** Louis Stein / **Música:** Pierre Barbaud / **Montagem:** Alain Resnais / **Conselheiro Técnico:** Carlos Villardebó / **Intérpretes:** Silvia Monfort, Philippe Noiret e os habitantes da "Pointe Courte".

Produção: Cooperativa de Técnicos e Actores / **Cópia:** DCP, preto e branco, legendada em português, 75 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

La Pointe Courte é apresentado com **Méditerranée**, de Jean-Daniel Pollet ("folha" distribuída em separado).

Cronologicamente, **La Pointe Courte** é a estreia no cinema de Agnès Varda. Enquanto quase todos os outros dos seus "compagnons de route", cineastas da mesma geração (Alain Resnais, Jean-Luc Godard, François Truffaut, e o seu marido Jacques Demy), começaram com curtas-metragens, Varda abalçou-se a uma longa e só em seguida se exercitou no outro modelo. Entre um e outro a diferença é apenas no tamanho. Os temas são os mesmos, como é um estilo que se depura de filme para filme. É um percurso que lembra uma opinião não recorde de quem (ajudem-me lá!) de que para se escrever um bom conto é preciso ter começado pelo romance. O que, apesar de outras opiniões contrárias é muito mais lógico do que o inverso, ou melhor, será antes a fase intermédia que pode levar à obra definitiva. Ao "romance" de **La Pointe Courte** que acumula citações e onde o simples prazer de mostrar e filmar (ou antes, fotografar?) se complica com as "rêveries" e diálogos de dois solitários passeantes (marido e mulher) seguem-se "contos" depurados de excrescências existenciais para se concentrarem na beleza e funcionalidade da imagem, na ironia, humor, trágico ou burlesco de pessoas e momentos, de **Ô Saisons Ô Chateaux**, **Opera-Mouffe** e **Du Côté de la Côte**. Só depois destes exercícios de rigor e de síntese narrativa virá **Cléo de 5 à 7**.

Associa-se também o nome de Agnès Varda à "nouvelle vague" e talvez de forma mais justificada que Demy (o autor dos mais belos filmes clássicos-modernos franceses, de **Les Parapluies de Cherbourg** a **3 Places Pour le 26**), porque a obra da realizadora segue o mesmo percurso de uma recusa dos métodos tradicionais e da linguagem cinematográfica instituída. Esta ruptura, que Godard levará ao ponto de não retorno, afirma-se desde logo em **La Pointe Courte** que é o verdadeiro ponto de partida para a "nouvelle vague", quer na busca de uma "forma nova", quer nas influências reivindicadas pelos seus mestres-cantores. Neste caso, concretamente, a de Roberto Rossellini. O que **La Pointe Courte** conta é um processo de reconhecimento, de reencontro, de um par em crise, no termo de uma "viagem" através de um mundo real, que cruzam quase sem darem por ele até à "revelação" e reencontro afectivo no

meio da multidão. O argumento anda, pois, a par e passo com o de **Viaggio in Italia** de Rossellini, esse filme incontornável da década de 50 e verdadeiro nascimento do cinema "novo". Mas também poderia ser o de **Stromboli**, sem a crise religiosa. Aliás o "background" de **La Pointe Courte** identifica-se mais com o segundo filme com a faina dos pescadores naquela zona costeira, e o torneio final da festa popular reúne a festa religiosa de **Viaggio in Italia** com o trabalho dos pescadores de **Stromboli**.

O que distingue aqueles filmes de Rossellini do de Varda é que o desta procura um refinamento formal, um esteticismo bonito mas por vezes apenas para "encher a vista", e que justifica a interrogação, diante dos outros filmes, se Varda mais do que uma "realizadora" de cinema não será principalmente uma fotógrafa com um instinto perfeito para o pormenor, característica que marca mesmo os seus filmes de "ficção" mais conhecidos, **Cléo de 5 à 7**, **Les Créatures**, **Le Bonheur**, **Sans Toit Ni Loi**, e onde se apoia grande parte do seu fascínio. Daí que Silvia Monfort e Philippe Noiret sejam, em **La Pointe Courte** mais dois vultos "sobre" a paisagem do que seres que a cruzam, mesmo que, seguindo ainda Rossellini, Varda desenhe o "background" de acordo com a evolução da crise dos personagens: o gato preto que várias vezes atravessa o filme de Varda (será um animal fetiche da realizadora dada a frequência com que passa pela sua obra?), a morte da criança, a polícia atrás dos pescadores infractores, etc. Mas o interesse que ainda hoje **La Pointe Courte** revela está antes de mais nessa paixão pelos pormenores, no pitoresco de gestos e situações que surpreende no dia a dia, nos rostos que a sua câmara parece transformar-se num revelador da alma e no estilo compósito dos enquadramentos (o belíssimo plano do par sentado com o gato que se espreguiça sobre o muro).

Manuel Cintra Ferreira